Título:

Devir[i]

Nome:

OLIVEIRA, Ágatha Bezerra[ii]

SATLER, Lara Limaiii

Palavras-chave:

Alteridade, Documentário, Devir

Questão problema:

Como conhecer o outro e deixar-se conhecer por meio de uma câmera de vídeo?

Objeto Geral:

Compreender como o processo de conhecer o outro e deixar-se conhecer por meio de uma câmera acontece, considerando os elementos que fazem com que a câmera modifique e influencie a realidade filmada em busca de minimizá-los.

Objetivos específicos:

Observar como acontece o processo de conhecer o outro e deixar-se conhecer mediado por uma câmera.

Investigar como a câmera possibilita para a criação de uma *mise-em-scène.*

Analisar os motivos pelos quais as pessoas sentem-se inibidas com a presença de uma câmera.

Justificativa:

A importância de uma pesquisa que investiga o processo de conhecer o outro, ou alteridade como podemos chamar a qualidade de conhecer o outro, mediado por uma câmera de vídeo reside na pretensão de contribuir para conhecer o “eu”, o mundo no qual esse se insere e provocar novas discussões sobre questões que, por serem cotidianas tornam-se invisíveis,

> a experiência da alteridade (e a elaboração dessa experiência) leva-nos a ver aquilo que nem teríamos conseguido imaginar, dada a nossa dificuldade em fixar nossa atenção no que nos é habitual, familiar, cotidiano, e que consideramos ‘evidente’.[...] Começamos, então, a nos surpreender com aquilo que diz respeito a nós mesmos, a nos espiar. (Laplantine, 1993, p. 21-23)

Daí a relevância de conhecer o “eu” partindo do universo do outro, fomentando debates sobre questões políticas e sociais que contribuirão para surgimento de novas formas de pensar e ver o mundo.

Outro aspecto relevante consiste na discussão de como e por quais motivos a presença de uma câmera de vídeo altera o processo de conhecer o outro, atentando-nos para as relações de poder pré-existentes e implícitas entre quem filma e quem é filmado. Relação que, no imaginário popular, confere a quem filma controle sobre o que filma, imagem, cortes, montagens e difusão, levantando o questionamento de como lhe dar com esses aspectos com o objetivo de minimizá-los e fazer com que o contato, entre as parte envolvidas no processo de filmagem, seja mais próximo a fim de reconhecer o “eu” no objeto filmado.

O desafio é romper a presença da câmera de vídeo, um material difícil de ser ignorado, e registrar o mais próximo possível do outro, para conhecê-lo, e permitir que o *devir* aconteça. Considerando neste trabalho devir como coloca o antropólogo Márcio Goldman (2003), “o movimento através do qual um sujeito sai de sua própria condição por meio de uma relação de afetos que consegue estabelecer com uma relação outra”

O espaço para o devir acontecer frente a câmera de vídeo, para Jean Louis Comolli (2008), com as leituras de ‘Ver e Poder’ é o cinema de experimentação, que encaixa-se no documentário. Um cinema que está preocupado com o processo de alteridade, despertar no espectador reflexões, o convidar a pensar sobre diversas outras questões sociais e fugir da linguagem espetacular tão presente nos meios de

comunicação de massa. É este tipo de cinema que fornece tempo e espaço para que o *devir* aconteça, como descreve Comolli, (Ver e Poder, 2008, p.45) “é tempo que os sujeitos filmados mais precisam, e é esse tempo que lhes é continuamente roubado ou expropriado pelas estratégias midiáticas e pelo regime espetacularizante que invade tantos filmes.”

Assim uma pesquisa dessa natureza pode, ainda, alimentar a discussão de como elaborar em novos modos de pensar, conhecer e mostrar o outro sem especularizá-lo. “Diante das milhares telas de televisão ligadas noite e dia ao redor do planeta, como falar, dizer, escutar, ver, enfim, o que nos acontece e como representá-lo sem acrescentar, em vão, mais um ruído ao ruído das vaidades?” (Comolli, 2008, p.45)

A experimentação é uma dessas formas proposta por Comolli, e pauta-se em uma experiência fílmica sem roteiro, um cinema feito sob o risco do real, sem cronograma a seguir e por isso confere maior liberdade a quem é filmado, contribuindo para que esses tomem consciência da sua condição de sujeitos e donos de suas imagens. A Câmera pára de guiar e passa a seguir, começa-se a criar estratégias para não para fazer o filme, mas para que esse aconteça.

> A prática do cinema documentário não depende, em última análise, nem dos circuitos de financiamento nem das possibilidades de difusão, mas simplismente da boa vontade – da disponibilidade – de quem ou daquilo que escolhemos para filmar: indivíduos, instituições, grupos. (Comolli, 2008, p.45)

Vale lembrar que o que esta proposta não visa captar não é a realidade ‘pura’, considerando que essa é relativa e passível de determinado ponto de vista, e a captação de qualquer cena, tanto no cinema ficcional quando no documentário, jamais será neutra. Uma vez que

> (...) filmar, cortar, montar _ escrever em suma_ é, evidentemente, manipular, orientar, escolher, determinar, em resumo, interpretar uma realidade que nunca se apresenta a nós como “inocente” ou “pura”, a não ser que assim a fantasiemos. Como os filmes de ficção, os documentários são colocados em cena. (Comolli, 2008, p.45)

A busca é pela *mise-en-scène* que cada personagem filmado cria e interpreta quando está diante de uma câmera, conforme acredita ser adequado ou como quer

ser visto pela lente que o olha, e o faz olhar para si mesmo. Para isso é preciso haver liberdade, e, ao mesmo tempo, é necessário mecanismos que corroborem para que o filme aconteça, esse é o papel do *dispositivo*. Regras que iram possibilitar e dar condições para que o filme aconteça. É uma forma do diretor e documentarista ter controle sob o que não pode mais controlar, as ações, falas, imprevistos e etc.

Metodologia:

Para entender e poder discutir essa nova proposta de documentário, será necessário a pesquisa bibliográfica em livros para que se possa entender o que já foi discutido por autores que tratam do tema. Como por exemplo, Jean Louis Comolli (2008) que propõe o uma nova forma de fazer documentário, forma essa adotada por esse trabalho, diferente do modelo de 'cinema da verdade'. A preocupação não é mais revelar uma verdade e sim a verdade conforme aquele que filma e aquele que é filmado, abrindo espaço para dúvidas, erros e paradoxos que caracterizam a personalidade dos homens.

O cinema proposto por Comolli baseia-se no *devir,* um conhecer de mão dupla, aonde há abertura para conhecer o outro e deixar-se conhecer. Realizar isso quebrando o desafio do uso da câmera de vídeo, a pretensão cineasta de manter o controle e não se deixar levar pelo risco do real.

Será realizado como forma de pesquisa ação, na disciplina de núcleo livre "Laboratório de Documentário", ministrada pelos professores Ana Rita Vidica, Lara Satler e Rafael Almeida, um documentário conforme propõe Comolli.

A proposta é elaborar um documentário de cinco minutos a partir do seguinte *dispositivo*: 1) O personagem deve ser um homem que trabalha profissionalmente com costura; 2) Pedir para o personagem contar uma história (através da fala ou de imagens) de algo que aconteceu de muito significativo na vida dele; 3) Acompanhar uma encomenda do começo ao fim; 4) Acompanhar o trajeto feito pelo personagem, da casa ao trabalho;

Resultados:

A pesquisa bibliográfica já foi realizado e leitura dos textos vem sendo desenvolvida. A escolha do personagem já foi realizada e será iniciado o processo de entrar em contato e permitir-se conhecer o outro.

Conclusões

Entrar em contato com o outro não é uma tarefa fácil,quando uma câmera de vídeo é adicionada esse processo é dificultado devido as relações de poder existentes que aparecem sutilmente inibindo, constrangendo e modificando o comportamento das pessoas.

Porém, existem formas de amenizar essas alterações quando são quebrados os mitos e anseios sobre o processo de filmagem e principalmente quando é dado aos personagens filmados tempo para que se sintam a vontade e familiarizem-se com a câmera.

Todo esse tempo empregado torna-se necessário pois, o importante não é mais o resultado final mas o 'fazer' o documentário, as mudanças irreversíveis ocorridas após o *devir* entre quem filma e quem é filmado possibilita que novas formas de ver o mundo sejam compartilhadas, misturadas e apresentadas, levando o espectador a reflexões.

Bibliografia:

COMOLLI, Jean-Louis. **Ver e Poder**: a inocência perdida: cinema, televisão, ficção, documentário. Seleção e organização César Guimarães, Ruben Caixeta. Tradução Augustin de Tugny, Oswaldo Teixeira, Ruben Caixeta. Belo Horizonte : Editora. UFMG, 2008. 373p .

DUBOIS, Philippe. **Cinema, vídeo, Godard**. Tradução, Mateus Araújo Silva**.** Sao Paulo, Editora Cosac Naify, 2004. 323 p.

---

[i] Trabalho apresentado na IX Mostra de Extensão e Cultura, realizada como parte das atividades do Conpeex 2011 e da 63ª Reunião Anual da SBPC. Projeto de Extensão e Cultura vinculado: Fazcine Clube, Facomb, Código 112.

[ii] agatha.abo@gmail.com

[iii] satlerlara@gmail.com